

O fio que sustém o mundo

Vejo meias, meias e mais meias,
Talvez uma camisa já gasta,
Um lençol que conheceu noites e outros corpos,
Pendurados num fio que atravessa o quintal,
Tremendo não por vontade própria,
Mas porque o vento sopra, e as coisas,
As coisas cumprem o destino imposto,
Sem queixume, sem escolha,
Porque escolher é privilégio de quem respira.

A vizinha estende as peças com cuidado,
Como se o movimento já tivesse sido ensaiado,
Porque há na mão que estende, que prende,
Um jeito de quem sabe que a roupa molhada
Não é só roupa, é também o tempo,
O dia que passou, as horas gastas,
A água que tudo lava, menos o que importa.

O sol desce, claro que desce,
Porque não conhece outro rumo.
E ao beijar os tecidos que vagarosamente repousam,
Tudo parece mais verdadeiro.
O azul da camisa aprofunda-se,
Como se ali encontrasse o seu propósito,
E as meias, pequenas e tímidas,
Erguem-se como bandeiras de um país sem nome,
Onde as coisas não pesam,
Onde o ferro de engomar não foi inventado,
Onde a luz não se transforma em sombra,
Mas fica suspensa, por instantes.

Ninguém repara porque é coisa pequena,
Mas é ali, no fio que balança,
Na camisa que ainda traz o cheiro do corpo,
No lençol que guarda leves sussurros ao ouvido,
Nas meias que calam os passos da casa,
Que o mundo tem morada.

E a vizinha, antes que a chuva chegue,
Porque a chuva nunca perdoa,
Recolhe o que pendurou
E leva consigo o dia inteiro,
Dobrado, guardado,
Pronto para ser esquecido
Até que volte a ser outra vez usado.

Ricardo de Sá Moya